

CIDADES

OLIBERAL

FILIADO A SOCIEDADE INTERAMERICANA DE IMPRENSA - SIP
ANJ ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNALISTAS

Presidente
Lucidéa Batista Maiorana

Presidente Executivo
Romulo Maiorana Jr.

Diretor Jurídico
Ronaldo Maiorana
(OAB-PA 8667)

Diretora Administrativa
Rosângela Maiorana Kzan

Diretora Comercial
Rosemary Maiorana

Diretor Industrial
João Pojucam de Moraes Filho

Diretor Corporativo de Jornalismo
Walmir Botelho D'Oliveira

Diretor de Novos Negócios
Ribamar Gomes

Diretor de Marketing
Guarany Júnior

Diretores
José Edson Salame
José Luiz Sá Pereira

Editor-Chefe
Lázaro Moraes

O LIBERAL é editado por
Delta Publicidade S/A
CNPJ. (MF) 04929683/0001-17.
Inscrição Estadual: Isenta.
Municipal: 032.632-5

Administração, Redação, Centro Tecnológico Gráfico, Publicidade

Av. Romulo Maiorana, 2473.
CEP: 66.093-005.
Telefone: 3216-1000.
Endereço Telegráfico: JornalLiberal.
Belém, Pará, Brasil.

As opiniões emitidas em textos assinados são livre manifestação do pensamento de seus autores e não representam a opinião do jornal.

Sucursal Centro/ Centro-Oeste

Gerente Executiva:
Silvana Scórsin

► **Brasília-DF**
SRTVN Q 701 CONJ. C.
Ed. Centro Empresarial Norte,
Bloco B, sala 432. Cep. 70.719.900.
Fone/fax (61)-3328-9394/3328-9396.
E-mail: sanab634@zaz.com.br

Sucursal Sudeste/ Sul/ Nordeste

Diretor:
Carlos Namur

► **São Paulo-SP**
Edifício Iguatemi Office Building
Rua: Iguatemi, 192
Cj. 111 / 11º and. - Itaim. Cep. 01451-010
Fone/fax: (11) 3073.1450 / 1451 / 1453
e-mail: sucursalsaopaulo@oliberal.com.br

Preço do exemplar

Zona I - Abaetetuba, Ananindeua, Arapari, Barcarena, Belém, Benevides, Bragança, Capanema, Capitão Poço, Castanhal, Concórdia, Dom Eliseu, Igarapé-Miri, Irituia, Itinga, Mãe do Rio, Moju, Mosqueiro, Nova Timboteua, Ourém, Paragominas, Quatru Bocas, Salinas, Santa Izabel, Santa Luzia do Pará, Santa Maria, São Miguel do Guamá, Tailândia, Tomé-Açu, Ulianópolis e Vigia.

► **Dias úteis R\$ 2,00**
► **Domingo R\$ 4,00**

Zona II - Almeirim, Altamira, Parauapebas, Conceição do Araguaia, Marabá, Monte Alegre, Monte Dourado, Portel, Porto de Moz, Redenção, Soare, Ourilândia do Norte, Tucumã, Tucuruí, Xinguara, Juruti, Santarém, Itaituba, Oriximiná e Óbidos.

► **Dias úteis R\$ 2,50**
► **Domingo R\$ 4,50**

Zona III - Brasília (DF), São Luís, Teresina, Recife, Tocantins, Fortaleza, Manaus e Boa Vista.

► **Dias úteis R\$ 3,00**
► **Domingo R\$ 6,00**

Zona IV - Demais Estados

► **Dias úteis R\$ 4,50**
► **Domingo R\$ 9,00**

Zona V - Macapá

► **Dias úteis R\$ 3,00**
► **Domingo R\$ 6,00**

Telefones de O LIBERAL

Reportagem: 3216-1138
Assinaturas: 3204-6000
Atendimento ao Assinante: 3216-1011
Classificados: 3277-9200
Comercial: 3216-1163 e 3216-1176

sergiobarra

Um Estado de intolerância

Não se trata de um roteiro para cinema. O mundo é constituído de infinitas histórias, e o melhor meio para contá-las é narrando os fatos. Quase todos os dias a mídia nos mostra cenas que devem envergonhar a Europa. A morte de milhares de imigrantes no Mar Mediterrâneo expõe as dificuldades do continente em lidar com a imigração. Percebe-se, vendo as cenas narradas, que há uma chaga aberta na Europa, que os países do continente não conseguem fechar. São milhares de imigrantes que morreram afogados ao tentar atravessar da costa da Líbia até a Ilha de Lampedusa, na Itália, um dos principais recantos turísticos da Europa.

A Ilha de Lampedusa é vista como porta de entrada para o paraíso europeu por imigrantes da África e do Oriente Médio que fogem de países pobres e devastados por guerras, conflitos, miséria e sofrimento. Assim como Lampedusa, cidades ao longo da Costa do Mediterrâneo têm sido destino de imigrantes ilegais, desesperados a ponto de arriscar suas vidas. Além disso, dezenas de outras cidades na Espanha, Grécia e em Malta servem de entrada para emigrantes. E o pior, já acontece há muito, a ampliação dos conflitos na África e no Oriente Médio fez proliferar quadrilhas de traficantes de pessoas no Norte da África. São mais de 50 quadrilhas que transportam imigrantes ilegais para a Europa por valores que vão de 1.000 a 2.000 mil euros.

Essa travessia em direção à Europa é tão arriscada quanto desejada. Nas últimas duas décadas, mais de 20 mil morreram ao tentar chegar às fronteiras meridionais europeias. Na verdade, quem consegue não tem o que comemorar além de estar vivo. Em geral, a rotina é a seguinte: os refugiados ficam detidos em centros de recepção, forçados a viver em condições precárias. Quem acolhe imigrantes ilegais pode ser condenado a até três anos de prisão. França e Espanha têm leis similares. Sobreviventes dos naufrágios mantidos em Lampedusa devem ser formalmente acusados pela promotoria italiana de imigração ilegal.

A morte desses seres humanos por si só, uma tragédia chocante, mas relegada a cantos de páginas e a alguns segundos do noticiário de tevê, em contraste, por exemplo, com a cobertura exaustiva da morte de 150 europeus em um desastre aéreo. Depois de alguns dias, o de The Sun, o mais popular jornal britânico, destacou com o qualificativo "brilhante" uma coluna de sua estrela Katie Hopkins - uma Sheherazade de luxo -, "tão odiosa que faria Hitler hesitar", nas palavras de um colega do The Independent. Resumindo o que a vazia e tresloucada colunista disse: "Precisamos deter imigrantes com canhoneira; eles são como baratas".

A maioria dos britânicos poderia ter dado de ombros a mais um exercício de retórica xenófoba na reta final de uma campanha

eleitoral recente, na qual todos os partidos relevantes prometeram combater a imigração. Após a morte de 850 imigrantes de um barco superlotado, onde apenas 24 foram resgatados. O pequeno movimento de protesto iniciado nas redes sociais tomou impulso e a Scotland Yard recebeu uma denúncia oficial da Sociedade de Advogados Negros contra Hopkins e seu editor por incitação ao ódio racial, assinalando que a expressão "baratas" foi usada para qualificar seres humanos pela última vez no contexto do genocídio dos tutsis de Ruanda. Na verdade, o texto de Hopkins apenas acrescentou insultos racistas ao discurso menos estridente, mas igualmente assassino, dos líderes europeus, que há seis meses alegaram "risco moral" de incentivar a travessia dos imigrantes.

A repetição das tragédias com milhares de mortos expôs os dilemas da União Europeia em lidar com o problema. Em muitos países, a legislação dura com imigrantes teve poucos resultados práticos e evitar que o Mediterrâneo se consolide como um cemitério de afogados. Abraçar a luta contra o tráfico de pessoas e acolher os imigrantes pode ser o único caminho para a Europa fechar uma dolorosa ferida que teima em resistir.

► **Sergio Barra é médico e professor.**
E-mail: sergiobarra9@gmail.com

J.BOSCO



luizcarlosrodriguez

Da doce vida dos ditadores-presidentes africanos

Enganam-se aqueles que acreditam sermos apologistas de golpes militares. Sabemos o quanto foi duro, aos 23 anos de idade, no vigor da nossa juventude, ver as ruas do país tomadas por blindados, tanques de guerra e tropas militares. À época, não acreditávamos na eficácia dos generais para impor a Ordem e o Progresso no nosso país, prestes a se transformar num dos inúmeros satélites da União Soviética.

Nossa infância toda foi vivida em clima de guerra. Lembramo-nos como se fosse hoje o dia em que, aos quatro anos de idade, finalmente, conseguimos ler e entender o significado das letras garrafas do tabloide Folha da Tarde, de Porto Alegre (RS), anunciando o suicídio de Hitler, em 30 de abril de 1945. Não demorou muito e, em 25 de junho de 1950, tomávamos conhecimento do início da guerra na Coreia. Os comunistas russos começavam a colocar suas mangas de fora. Antes lá do que cá!

Ledo engano! Os comunistas também estavam de olho do Brasil. Queriam nos impor suas ideias de jericó. O mote era distribuir as poucas riquezas produzidas e nivelar todos na mediana das misérias. Bem que o pobre do Getúlio Vargas, um dos raros ditadores de mancha bem intencionado, tentou, mas muito sofreu por haver acreditado na "cumpañherada". Esta aí um populista ditador que admiramos, por ter tido a coragem de, pressupostamente, se suicidar, para demonstrar que nada sabia.

Não infiram, por favor, estarmos

aqui a sugerir tal atitude de Dilma e/ou Lula. Mas gente, deixar que nosso país vá à bancarrota por roubos é uma vergonha! Afinal de contas, para que nos servem presidente e presidenta que nada sabem? Que permitem que as coisas degridem ao ponto de nem a Seleção da Colômbia nos respeitar? Temos a impressão que a irresponsabilidade foi tanta que, ao abrirermos os cofres do Tesouro, olvidaram-no aberto. Aí a "cumpañherada" lavou a égua. Haja vista a Petrobras! E o tal do domínio do fato? Égua do presidente e da presidenta!

Acreditamos que dita "cumpañherada" está tentando competir com alguns dos mais ricos e corruptos ditadores cleptocratas de países africanos, do tipo Congo-Brazzaville, Sudão, Gabão e Guiné Equatorial. São nações cuja riqueza em petróleo e gás contrasta com a pobreza extrema em que vive a maior parte dos seus 41 milhões de habitantes. O fim da picada é que Dilma, recentemente, perdoou 80% da dívida desses países, num total equivalente a R\$ 1,9 bilhão.

Em maio de 2013, investigadores parisienses detectaram transferências do Tesouro do Congo para o caixa da transportadora Franck Export (França-África) e, de lá, pulverizados entre dezenas de contas da família do ditador-presidente congolês Denis Sassou Nguesso. Poucos dias depois de Dilma haver perdoado sua dívida equivalente a R\$ 630 milhões.

Nguesso, como nosso querido

Lula, nasceu pobre, na tribo Mbochi, no norte do Congo-Brazzaville, fez carreira como soldado até participar, a partir de 1968, do levante que colocou o Partido dos Trabalhadores no governo. Em 1979, assumiu o comando do país e "não largou mais o osso", como diria Cid Gomes, ex-ministro da Educação. O clã Nguesso é conhecido em Paris pela quantidade de imóveis de luxo de sua propriedade, às proximidades da Torre Eiffel.

Denis Christel Nguesso, herdeiro político, ministro da Defesa e diretor da estatal que comercializa o petróleo do Congo, tem predileção por cuecas Torregiani. Certa feita, adquiriu um lote da roupa íntima, ao custo equivalente a R\$ 10 mil, afora acessórios da Louis Vuitton, totalizando o equivalente a R\$ 60,3 mil.

Com uma parentada dessa estirpe, o ditador-presidente Nguesso não nega, mas prefere deixar que nos outros assumamos suas dívidas. Pesarosos, Dilma e Mantega assinaram embaixo, com o aval do nosso Senado Federal. Sequer desconfiaram que o clã Nguesso, do Congo, juntamente com os demais inadimplentes com o nosso Tesouro, do Sudão, Gabão e Guiné Equatorial disputam posições no clube dos mais ricos do planeta.

E haja petróleo do nosso pressuposto pré-sal para pagar essas dívidas.

► **Luiz Carlos Rodriguez é engenheiro civil e jornalista.**

A nova face dos grandes projetos na Amazônia

ANDRÉ FARIAS

Vulcano era um deus grego construtor das obras do Olimpo. Tinha o poder de dar movimento às suas criações, permitindo que os tripodes pudessem se mover para entrar e sair do palácio celestial. No cinema, os tripodes são máquinas alienígenas que ganham vida, após anos enterrados no chão e destroem a humanidade com raios desintegradores. A semelhança entre os tripodes e os grandes projetos está no seu caráter alienígena à região e os grandes impactos causados. Mas não são criados por deuses ou simplesmente brotam do chão acordados por uma força superior. Eles têm história, lógica, atuam no território e possuem comando. Segundo Milton Santos, são grandes coisas artificiais, grandes objetos, produtos da história dos homens e dos lugares. Assim, este ensaio trata da nova face dos grandes projetos. É necessário compreendê-los como produto histórico dos homens e lugares. Na Amazônia, a nova face se apresenta sob véu da sustentabilidade.

O lugar para análise é a Amazônia Paraense. Portanto, como se apresentam no Pará? Este território com: 1,200 mil km² de extensão territorial; economia baseada na mineração, agropecuária e extrativismo; frágil industrialização e desorganizado setor de comércio e serviços; estado mais populoso da Amazônia Brasileira, com mais de oito milhões de habitantes de diferentes origens e culturas; importante biodiversidade; e palco de complexos conflitos socioambientais.

A história dos grandes projetos no Pará inicia nos anos 60/70 nos governos militares, em obras como: Belém-Brasília; UHE-Tucuruí; Programa Grande Carajás; BR-230 e BR-163, Projetos Agropecuários, etc. Apresenta suas contradições na década seguinte, onde a crise econômica afeta a implantação destes, e, com a reação dos movimentos sociais e ambientalistas reforçados pela redemocratização do País. Na década de 90, eles reaparecem com reforço da iniciativa privada, permitida agora pelas privatizações e abertura da economia nacional às empresas multinacionais. A força superior da globalização acorda os gigantes tripodes adormecidos, mas acorda também homens e mulheres do lugar.

Aqueles que acreditavam em outra alternativa para a Amazônia ajudam a criar um plano mais adequado à nossa realidade, denominado Plano Amazônia Sustentável - PAS. Acreditaram num governo mais sensível às especificidades regionais. Contudo, os tripodes são mais fortes e mostram que sua unidade de comando está fora do alcance da região e do País. Eles exigem um programa adequado à suas ações.

O PAS é substituído pelo Plano de Aceleração Econômica - PAC, que traz uma nova energia aos grandes projetos, na medida em que completa os ciclos interrompidos. Agora, a nova face se reveste em múltiplas facetas. Além dos antigos e novos projetos de energia e infraestrutura logística (estradas, portos, usinas hidrelétricas, usinas termoeletricas, linhas de transmissão, biocombustíveis, ferrovias e hidrovias), são apresentados investimentos na área urbana e social (saneamento - água e esgoto, habitação e o Luz para Todos).

Velhos e novos tripodes atuam no território paraense: BR-230; BR-163; Ferrovia Norte Sul; UHE - Belo Monte; Ampliação do Porto de Vila do Conde; Eclusas de Tucuruí; Derrocamento do Pedral do Lourenço/ Hidrovia Araguaia-Tocantins; UTE Barcarena; Linhas de Transmissão Tucuruí-Manaus-Macapá/Norte-Sul III; Programa Palma de Óleo; Complexo Hidrelétrico do Tapajós. Recentemente, acordos internacionais (Brasil/China) e um pacote de investimentos público-privados realimentam o fascínio dos grandes projetos.

Os impactos socioambientais (desmatamento, fluxo migratório, conflitos fundiários, precarização do trabalho); o papel do Estado sob a gestão ambiental (união, estado e municípios); o papel coadjuvante do governo estadual; as formas de resistência e alternativas ao sistema hegemônico; e a cobertura sensacionalista da grande mídia merecem atenção. Porém, serão novos capítulos do conflito tripodes versus amazônidas.

► **André Farias é doutor em Desenvolvimento Socioambiental e professor do Núcleo de Meio Ambiente da UFPA.**